REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

RUÍNAS DO CASSINA: MULHERES, MEMÓRIA E MARGINALIDADE

CASSINA RUINS: WOMEN, MEMORY AND MARGINALITY

RUINAS DEL CASSINA: MUJERES, MEMORIA Y MARGINALIDAD

Clodoaldo Matias da Silva
Mestrando em Antropologia Social, UFAM, Brasil
E-mail: cms.1978@hotmail.com

Resumo

A pesquisa investiga as ruínas do antigo Hotel Cassina, em Manaus, como representação simbólica das transformações sociais da Amazônia urbana, articulando memória, corpo e território. Analisa-se a passagem do edifício, outrora ícone de luxo da Belle Époque, à condição de cabaré popular, para compreender como esse espaço expressa a tensão entre esplendor e exclusão, revelando as mulheres marginalizadas como sujeitos formadores da cidade. A metodologia adota uma abordagem histórico-literária, sustentada na análise documental e interpretativa de fontes urbanas, literárias e memoriais, tratando o Cassina como um palimpsesto de narrativas. O estudo situa o espaço como metáfora viva da modernidade amazônica, em que o poder simbólico e as práticas sociais se entrecruzam na formação de identidades. As ruínas, nesse contexto, não são apenas vestígios de decadência, mas lugares de resistência, onde o corpo feminino se inscreve como arquivo político e pedagógico da cidade. Conclui-se, preliminarmente, que o Cassina ultrapassa o estatuto arquitetônico e se converte em território de reexistência, em que a memória coletiva emerge como força de reconstrução simbólica e histórica, projetando novas leituras sobre a Amazônia e seus espaços de marginalidade.

Palavras-chave: Amazônia urbana; Corpo feminino; Memória; Prostituição; Ruínas.

Abstract

This research investigates the ruins of the former Cassina Hotel in Manaus as a symbolic representation of the social transformations of urban Amazonia, linking memory, body, and territory. It analyses the building's transition from a Belle Époque luxury landmark to a popular cabaret, seeking to understand how this space expresses the tension between splendour and exclusion, revealing marginalised women as formative agents of the city. The methodology adopts a historical-literary approach based on documentary and interpretative analysis of urban, literary, and memorial sources, treating Cassina as a palimpsest of narratives. The study situates this space as a living metaphor of Amazonian modernity, where symbolic power and social practices intertwine in identity formation. In this context, the ruins are not mere traces of decay but sites of resistance, where the female body is inscribed as the city's political and pedagogical archive. It concludes that Cassina transcends its architectural status and becomes a territory of re-existence, where collective memory acts as a symbolic and historical force of reconstruction, reimagining Amazonia and its spaces of marginality.

Keywords: Amazonian urbanity; Female body; Memory; Prostitution; Ruins.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Resumen

Esta investigación examina las ruinas del antiguo Hotel Cassina en Manaos como una representación simbólica de las transformaciones sociales de la Amazonia urbana, articulando memoria, cuerpo y territorio. Se analiza la transición del edificio, otrora un hito de lujo de la Belle Époque, hacia la condición de cabaré popular, con el fin de comprender cómo este espacio expresa la tensión entre esplendor y exclusión, revelando a las mujeres marginadas como agentes formadoras de la ciudad. La metodología adopta un enfoque histórico-literario, sustentado en el análisis documental e interpretativo de fuentes urbanas, literarias y memoriales, tratando al Cassina como un palimpsesto de narrativas. El estudio sitúa este espacio como una metáfora viva de la modernidad amazónica, donde el poder simbólico y las prácticas sociales se entrelazan en la formación de identidades. En este contexto, las ruinas no son meros vestigios de decadencia, sino lugares de resistencia, en los que el cuerpo femenino se inscribe como archivo político y pedagógico de la ciudad. Se concluye que el Cassina trasciende su condición arquitectónica y se convierte en un territorio de reexistencia, en el que la memoria colectiva actúa como fuerza simbólica e histórica de reconstrucción, reimaginando la Amazonia y sus espacios de marginalidad.

Palabras clave: Urbanidad amazónica; Cuerpo femenino; Memoria; Prostitución; Ruinas.

1. Introdução

A história do Hotel Cassina confunde-se com as metamorfoses da própria Manaus, erguido como símbolo de luxo e modernidade na Belle Époque, o edifício atravessou os tempos como testemunho silencioso das contradições entre progresso e exclusão. Suas paredes, outrora destinadas à elite, tornaram-se abrigo de corpos esquecidos e vozes silenciadas, transformando-se em ruína viva da cidade. É nesse intervalo entre o esplendor e a decadência que emergem as fronteiras simbólicas que o presente estudo busca compreender.

Ao refletir sobre as ruínas do Cassina e as narrativas que cercam o Cabaré Pé de Chinelo, questiona-se: De que modo tais espaços expressam, na história e na literatura amazônica, as fronteiras entre o luxo e a marginalidade, evidenciando as mulheres esquecidas como parte da construção simbólica da cidade de Manaus? A pergunta abre caminho para um olhar que recusa o esquecimento e se aproxima das memórias subterrâneas, das pedagogias do corpo e das resistências femininas que moldaram a urbe invisível sob a superfície da Belle Époque.

A justificativa desta pesquisa nasce da urgência em revisitar as ruínas não como resquícios estáticos, mas como arquivos sensíveis da experiência humana. O Cassina, ao converter-se em cabaré popular, tornou-se um lugar de sociabilidades interditas e de saberes subalternos que desafiaram a moral dominante. A

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

relevância social reside em resgatar a dignidade das mulheres marginalizadas; a acadêmica, em reinterpretar a cidade a partir de suas bordas; a histórica, em reinscrever o corpo feminino como agente de memória; e a jurídica, em tensionar a invisibilidade institucional que recai sobre os sujeitos da exclusão.

O objetivo consiste em investigar como a trajetória do antigo Hotel Cassina, de símbolo do requinte burguês à condição de cabaré popular, constitui uma representação literária e histórica das transformações sociais da Amazônia urbana. Busca-se compreender de que forma as narrativas sobre o espaço e as mulheres que o habitaram revelam fronteiras simbólicas entre memória, marginalidade e identidade amazônica, dessa maneira, o estudo propõe-se a ultrapassar o olhar monumental e alcançar o tecido humano que costura as cidades.

Nesse percurso interpretativo, o diálogo entre história e literatura revela o Cassina como uma escrita de ruína, uma memória que resiste entre o pó e a palavra. As abordagens contemporâneas sobre urbanidade e patrimônio permitem compreender que o edifício é mais do que pedra: é vestígio de afetos, economia simbólica e disputas de sentido. Entre os ecos do progresso e o silêncio das exclusões, o Cassina espelha o processo de formação da modernidade amazônica e suas permanências.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem histórico-interpretativa, ancorada na análise documental e narrativa, dialogando com fontes históricas, literárias e iconográficas sobre o Cassina e o Cabaré Pé de Chinelo. O artigo organiza-se em quatro seções: a Introdução, que situa o problema; a Fundamentação Teórica, dividida em Entre Rios e Ruínas, Ecos da Noite, O Espelho e a Cidade e Fronteiras Imaginadas; a Conclusão, que sintetiza a leitura sobre o Cassina como metáfora de resistência; e as Referências, que sustentam o diálogo interdisciplinar. A contribuição acadêmica reside em recolocar as mulheres esquecidas no centro da narrativa histórica, reconhecendo nelas a força simbólica que reinscreve a cidade como território de memória e de humanidade.

2. Revisão da Literatura

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

2.1. Entre Rios e Ruínas: Cartografando a Memória Urbana na Amazônia

O Hotel Cassina não sobrevive apenas como estrutura física: ele se ergue como território de lembranças que atravessam o corpo da cidade e as margens do rio. Em suas paredes lateja uma história feita de excessos, silêncios e sobrevivências. A ruína, nesse contexto, torna-se lugar de reencontro entre a memória e o esquecimento. “Toda lembrança é tecida a partir dos quadros sociais que a sustentam” (Halbwachs, 2006, p. 51), assim, Manaus não apenas recorda seu passado, mas o reinscreve continuamente em “camadas de ruína e reinvenção” (Bosi, 1994, p. 77).

Ao percorrer as memórias do Cassina, percebe-se que o edifício simboliza a própria instabilidade da modernidade amazônica. A cidade projetada para o esplendor europeu tornou-se, com o tempo, vitrine de suas contradições e espelho de suas desigualdades. Geertz (1989) descreve a cultura como “uma teia de significados tecida pelo homem e na qual ele se enreda”. O Cassina, nesse sentido, é uma teia urbana que traduz as intersecções entre o luxo e a marginalidade, o progresso e o esquecimento, a promessa e a falência da modernidade tropical.

Entre as ruínas e os reflexos do vidro restaurado, a cidade redescobre suas ambiguidades, o antigo hotel, renomeado e revestido pela estética do futuro, abriga agora as memórias do que tentou apagar. Augé (1994) denomina esses espaços de “não-lugares” (grifo nosso): territórios onde o sujeito perde seu pertencimento, mas reencontra sua condição transitória. O Cassina tornou-se esse limiar entre o visível e o oculto, um lugar de passagem onde “o tempo não se apaga, apenas muda de forma” (Halbwachs, 2006, p. 63).

A materialidade da ruína, porém, ultrapassa a dimensão arquitetônica e revela as tensões sociais que fundam a cidade. Nas paredes úmidas, o tempo encontra abrigo, e as memórias populares desafiam o discurso higienista que sustentou o projeto urbano. “O passado só existe enquanto é lembrado, e o lembrar é sempre um ato de resistência” (Bosi, 1994, p. 37), assim, o Cassina não

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

é uma ruína estática: é o testemunho vivo de uma sociedade que se reorganiza a partir do esquecimento.

Os escritos de Corrêa (1966) e Bragas (1975) ajudam a compreender esse movimento de invenção e desintegração urbana, em que Manaus se ergueu entre a opulência dos palacetes e as palafitas da exclusão. “A cidade nasce da ambição e da solidão, do desejo de eternizar o efêmero” (Bragas, 1975, p. 48). O Cassina, ao longo das décadas, condensou esse paradoxo, tornando-se o símbolo de uma “civilização amazônica que floresceu à beira do colapso” (Corrêa, 1966, p. 109), sua ruína não denuncia apenas o desgaste físico, mas a erosão de um imaginário coletivo.

Por outro lado, a revitalização contemporânea do edifício, convertendo-o em espaço de inovação, inscreve uma tentativa de reconciliação entre passado e futuro. O arquiteto responsável afirmou que o projeto busca “fazer a cidade reconhecer-se em suas próprias ruínas” (Troost *apud* Família Cassina, 2020, p. 22), essa reinterpretação do patrimônio, entretanto, não elimina o desconforto de se pisar sobre camadas de dor e esquecimento. “A história se refaz, mas não se limpa (Augé, 1994, p. 25), nesse contexto, o vidro moderno apenas reflete o que o tempo não conseguiu apagar.

Halbwachs (2006) observa que os lugares da memória são também lugares de disputa, pois neles se chocam as versões do passado que a sociedade escolhe preservar. No Cassina, essa disputa manifesta-se no embate entre o patrimônio institucionalizado e as memórias subterrâneas das vozes marginalizadas. O edifício, rebatizado e restaurado, conserva, no entanto, o eco do riso abafado das mulheres que o habitaram. A memória, mais do que registro, é presença que inquieta.

Em perspectiva antropológica, Geertz (1989) propõe que o estudo das culturas urbanas exige mergulhar nos detalhes mínimos das práticas cotidianas. Assim, as ruínas do Cassina não são apenas resquícios de uma economia finda, mas uma etnografia material da desigualdade. “As fachadas descascadas falam mais da cidade que os monumentos de bronze” (Família Cassina, 2020, p. 37), a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

cidade, nesse sentido, escreve sua própria história nas fissuras, e é nelas que a historiografia encontra a voz dos esquecidos.

A memória amazônica, portanto, não se encerra no passado, mas transborda pelas narrativas orais e visuais que persistem nos becos e nas esquinas. Bosi (1994, p. 21) lembra que "recordar é também reconstruir-se no tempo". A cada restauração do Cassina, reabre-se a ferida e reacende-se o desejo de compreender o que permanece em ruína. Para Halbwachs (2006), essa experiência coletiva faz do espaço urbano um campo de negociações simbólicas, onde o antigo e o novo convivem em permanente tensão.

Por essa via, a memória das ruínas conduz inevitavelmente à memória dos corpos que as habitaram, onde, as mulheres que circularam pelo Cassina e pelo Cabaré Pé de Chinelo deram à cidade um rosto que o tempo tentou ocultar. As paredes e as vozes convertem-se, assim, em fragmentos de uma mesma história. É nesse entrelaçamento entre espaço, corpo e narrativa que se abre a próxima reflexão, dedicada a compreender as tessituras do feminino marginalizado em Ecos da Noite: Gênero, Marginalidade e Representações da Prostituição.

2.2. Ecos da Noite: Gênero, Marginalidade e Representações da Prostituição

A leitura da prostituição como prática social no contexto amazônico exige uma hermenêutica que transcenda o moralismo histórico e adentre as zonas obscuras da cidade (Pesavento, 2001). O corpo feminino, inscrito nos becos e nas ruínas, foi transformado em território de controle e resistência. "O corpo é o primeiro lugar da dominação e o último da liberdade" (Rago, 1991, p. 26), as mulheres do Cassina e do Cabaré Pé de Chinelo foram, nesse sentido, pedagogas involuntárias de um saber urbano que a sociedade preferiu silenciar.

Ao se sistematizar a literatura sobre o tema, observa-se que a prostituição ultrapassa o campo da moral e adentra o da estrutura social, revelando a lógica da exclusão. As análises de Rago (1991) apontam a prostituição como mecanismo de disciplinamento e espetáculo, onde a modernidade produz suas próprias margens. O prazer e a culpa fundem-se, criando um sistema simbólico que atravessa a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

formação da cidade e de suas práticas cotidianas. A rua, portanto, torna-se o palco onde o corpo é performado e negado.

Nesse entrecruzamento, Largman (2007) desloca o olhar para as trajetórias das “polacas”, mulheres que migraram de contextos europeus de pobreza para as zonas portuárias brasileiras. A autora revela como a exploração sexual foi travestida de mobilidade social, mas resultou em um cativeiro disfarçado. “Entre o exílio e o abrigo, as mulheres reinventaram modos de existir” (Largman, 2007, p. 91), as experiências dessas mulheres ressoam na Amazônia, onde a prostituição também se configurou como um exílio dentro da própria cidade.

A literatura amazônica recupera essas vozes femininas como fragmentos de uma história subterrânea, marcada pela violência e pela memória, nesse campo, a prostituição, emerge como prática que tensiona a ordem e insinua liberdade. Pesavento (2001) observa que a modernidade urbana produziu uma pedagogia da exclusão, em que o corpo feminino foi o principal suporte de disciplinamento. Esse processo, além de moral, foi também político, pois definiu quem podia habitar o centro e quem deveria permanecer à margem.

Pinheiro (1999), ao analisar o trabalho no porto de Manaus, identifica uma relação direta entre o crescimento econômico e a marginalização social. O espaço portuário, sustentáculo da economia da borracha, era também fronteira simbólica entre o visível e o proibido. “O trabalho e o prazer conviviam em margens separadas por um muro invisível” (Pinheiro, 1999, p. 58). Esse muro, no entanto, era constantemente transposto pelas mulheres que negociavam com a própria existência em territórios de sombra.

As contribuições de Whyte (2005) ajudam a compreender essas zonas marginais como microcosmos sociais autônomos, ao estudar comunidades degradadas, o autor revela que nelas existe uma ética própria e uma rede de solidariedade que escapa às normas formais. No Cassina, essa lógica parece persistir: o espaço de prostituição também é espaço de convivência e aprendizado. À noite, mais do que um tempo, converte-se em linguagem, “a rua é o livro onde o corpo escreve sua biografia silenciosa” (Whyte, 2005, p. 74).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Em diálogo com as teorias críticas da educação, Freire (2014) propõe a libertação do oprimido por meio da consciência de sua condição histórica. Ao trazer esse princípio para a leitura da prostituição, compreende-se que a prática não é apenas submissão, mas também pedagogia de resistência. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2014, p. 67), essa perspectiva amplia o olhar sobre as mulheres marginalizadas, reconhecendo nelas um saber produzido a partir da dor e da coletividade.

Manfredi (1980), inspirada em Gramsci, reforça que a educação popular deve nascer das margens e não das instituições. Essa noção permite entender o cabaré e as ruas como espaços de aprendizado social e político. A prostituição, nesse caso, torna-se metáfora da pedagogia subalterna que resiste às imposições da elite. A cidade, ao tentar higienizar-se, apagou essas experiências, mas elas continuam a pulsar na memória de seus espaços e nas narrativas que os revisitam.

Seguindo essa linha de pensamento, Pesavento sintetiza o elo entre gênero e cidade:

> A mulher que caminha à noite carrega em seu corpo a cidade que a rejeita. Seu andar é um gesto de desobediência, sua presença, uma afronta à moral. Entre a luz e a sombra, ela aprende a existir na fronteira do permitido, tornando-se, ao mesmo tempo, sujeito e signo da modernidade, sua voz não é ouvida, mas ecoa no silêncio dos becos (Pesavento, 2001, p. 92).

Essa leitura dialoga diretamente com Rago (1991), para quem a prostituição é a pedagogia mais profunda da modernidade, pois expõe as tensões entre disciplina e desejo. As mulheres do Cassina, invisibilizadas pela história oficial, construíram uma cartografia alternativa da cidade, baseada na experiência corporal e afetiva. “O corpo feminino foi o espelho onde a moral burguesa ensaiou sua imagem ideal” (Rago, 1991, p. 40), o espelho, contudo, refletiu também as rachaduras do sistema que as excluiu.

Essa leitura abre o caminho para compreender a cidade como espelho das relações simbólicas que a moldam, onde o poder e a memória se entrelaçam nas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

narrativas que sobrevivem ao tempo. Os discursos sobre o Cassina, as mulheres e o esquecimento urbano revelam como a identidade amazônica se constrói entre o visível e o subterrâneo. Nesse movimento, o espaço e o corpo se refletem mutuamente, preparando o olhar analítico que se desenvolverá na próxima seção, intitulada O Espelho e a Cidade: Narrativas, Poder Simbólico e Identidade Amazônica.

2.3. O Espelho e a Cidade: Narrativas, Poder Simbólico e Identidade Amazônica

A compreensão da cidade de Manaus como espelho simbólico da modernidade revela uma tessitura de memórias, silêncios e disputas. Entre as fachadas de seu esplendor e as sombras do esquecimento, o Hotel Cassina surge como metáfora das contradições que fundaram a Amazônia urbana, “toda cidade guarda em si as marcas do que quis esquecer” (Bosi, 1994, p. 62). O edifício, ora ruína, ora lembrança, expressa as ambivalências de um espaço que se construiu entre o luxo e a exclusão, entre a civilização sonhada e a marginalidade imposta.

O diálogo entre o visível e o invisível define o modo como a memória urbana se materializa na paisagem (Halbwachs, 2006), dessa maneira, Geertz (1989) sugere que toda cultura é um texto em permanente reinterpretação, e a cidade, nesse sentido, é o manuscrito mais instável da história. As ruínas do Cassina, portanto, não são apenas resíduos arquitetônicos, mas fragmentos vivos de uma pedagogia da experiência social, onde o passado e o presente se refletem, “a cidade é o corpo onde o tempo escreve suas cicatrizes” (Geertz, 1989, p. 77).

Nesse entrelaçar de tempos, as leituras de Bourdieu (2007) auxiliam a compreender o poder simbólico como estrutura que legitima desigualdades. A marginalização das mulheres do Cassina foi também uma produção discursiva, um modo de consolidar hierarquias entre o sagrado e o profano. A cidade, nesse processo de acordo com Rago (1991), tornou-se palco de uma disputa pela

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

visibilidade, na qual o corpo feminino foi o território onde se travou a luta pela moral e pela memória.

A literatura, ao revisitar essas ruínas, opera como contra-arquivo, inscrevendo novas narrativas sobre o espaço e seus sujeitos. Halbwachs (2006) entende que a memória coletiva é seletiva, pois preserva apenas o que reforça uma identidade dominante. No entanto, ao emergirem as vozes silenciadas das meretrizes e dos trabalhadores marginalizados, o Cassina se converte em espaço de contra-memória. A cidade, assim, se reescreve, e cada vestígio de ruína transforma-se em documento sensível do que resistiu ao esquecimento.

Ao observar o campo das representações, Augé (1994) define os não-lugares como territórios onde a identidade se dissolve, e o sentido do pertencimento é substituído pela transitoriedade. O Cassina, entretanto, desafia essa categoria, pois, mesmo na degradação, tornou-se ponto de ancoragem da memória. “As ruínas não desaparecem: elas se tornam lugares do tempo suspenso” (Augé, 1994, p. 103), o edifício, portanto, é mais que matéria - é signo da persistência da história nas dobras da cidade.

A construção argumentativa sobre o poder simbólico das ruínas exige reconhecer sua função performativa, Bourdieu (2007) destaca que o poder não se impõe apenas pela coerção, mas pelo reconhecimento social de sua legitimidade. No caso de Manaus, o esplendor da Belle Époque e a invisibilidade das prostitutas coexistiram como dois lados da mesma moeda simbólica (Silva, 2025d), a beleza dos salões e o silêncio das vielas formaram uma pedagogia urbana que educou a cidade a ver sem enxergar.

Nessa chave interpretativa, Corrêa (1966) resgata o nascimento de Manaus como cidade que se pretendia europeia, mas que carregava em seu subsolo a realidade amazônica. Essa duplicidade revela uma identidade em conflito, moldada por uma elite que se via no espelho do estrangeiro. A história urbana, assim, constrói-se não apenas nas avenidas, mas nos becos onde a modernidade perdeu seu brilho, “a cidade é sempre o que sobra dos seus próprios sonhos” (Corrêa, 1966, p. 49).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Em continuidade a essa perspectiva, Bragas (1975) oferece uma leitura poética das transformações sociais e espirituais da capital amazonense. Para ele, Manaus é uma cidade em permanente reinvenção, onde a ruína é parte constitutiva da beleza. Esse olhar humaniza o processo histórico, convertendo o esquecimento em possibilidade estética. Nesse contexto, Silva (2025c) comenta que, o Cassina, deixa de ser símbolo de decadência para tornar-se monumento à memória dos que nunca tiveram monumentos.

As contribuições de Freire (1994) inserem o imaginário indígena como fundamento da narrativa urbana, indicando que a cidade é também território ancestral, onde, as ruínas do Cassina dialogam com essa cosmologia, pois revelam uma Manaus subterrânea, feita de vozes não europeizadas, de memórias ribeirinhas e afetos invisíveis. “A cidade amazônica é uma floresta de lembranças e esquecimentos” (Freire, 1994, p. 27), assim, o urbano se torna híbrido, tensionando fronteiras entre civilização e natureza.

Nesse cenário, Bosi amplia esse entendimento da memória como prática de resistência:

> Recordar não é simplesmente trazer de volta o que passou, mas reinventar o sentido do vivido. As lembranças, como as ruínas, não são vestígios mortos: são forças que insistem em existir, ainda que o tempo as queira calar. Por isso, o passado não se vai; ele se esconde nas frestas do presente, esperando ser reencontrado pelo olhar sensível (Bosi, 1994, p. 91).

A partir dessa perspectiva, a análise do Cassina como espelho da cidade revela que a ruína é, antes de tudo, um discurso. O poder simbólico da memória está na capacidade de reencantar o espaço urbano, permitindo que a história se faça ouvir pelos silêncios que restaram. O Cassina é o corpo da cidade que resiste à anestesia do progresso, o vestígio que obriga Manaus a se olhar no espelho e reconhecer sua própria contradição (Bourdieu, 2007).

Por fim, ao articular essas leituras, evidencia-se que o Cassina ultrapassa o campo do edifício e adentra o domínio da identidade. Sua permanência como símbolo sugere que toda cidade é uma ficção coletiva sustentada por corpos e memórias. As mulheres que ali viveram e morreram projetaram no espaço uma

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

pedagogia da resistência e do pertencimento. Essa compreensão abre o caminho para a próxima seção, intitulada Fronteiras Imaginadas: O Cassina como Metáfora da Resistência Feminina na História e na Literatura da Amazônia, onde a ruína se tornará símbolo do corpo e o corpo, tradução viva da cidade.

2.4. Fronteiras Imaginadas: O Cassina como Metáfora da Resistência Feminina na História e na Literatura da Amazônia

A ruína do Cassina emerge como um espelho das fronteiras simbólicas que separam o esplendor da exclusão, o visível do interdito (Silva, 2025a), a trajetória desse espaço revela uma Amazônia feita de memórias partidas, onde a mulher marginalizada ocupa o centro silencioso da história. Em cada parede desgastada, inscreve-se uma pedagogia da resistência que desafia as normas de pureza e moralidade. “Toda cidade se sustenta sobre o esquecimento de alguns corpos” (Rago, 1991, p. 42), nessa ambiguidade, o Cassina se converte em texto, e o corpo, em narrativa.

As teorias revisadas nessa pesquisa, permitem articular o espaço urbano e o corpo feminino como instâncias de poder simbólico, a estrutura social que moldou o Cassina como aqui citado, “não-lugar”, foi a mesma que o transformou em território de reinvenção. A prostituição, enquanto prática e discurso, “produziu saberes invisíveis, educando a cidade pela experiência do limite” (Silva, 2025c, p. 4789). “A marginalidade é um espelho invertido da modernidade” (Pesavento, 2001, p. 58), a ruína, nesse sentido, preserva a linguagem dos vencidos, tornando-se arquivo vivo daquilo que a moral tentou apagar.

A leitura do artigo de Silva (2025a) revela esse duplo movimento entre ruína e permanência. As memórias ali reunidas restauram a humanidade de um espaço que, por muito tempo, foi reduzido à estigmatização. O texto literário faz eco à história social ao mostrar que as mulheres do Cassina eram também criadoras de sociabilidade e de afetos urbanos. Essa integração entre literatura e história demonstra que a resistência feminina não se faz apenas no gesto de desafiar, mas no de permanecer.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Em diálogo com Freire (2014), compreende-se que o saber nasce do enfrentamento com a opressão. A pedagogia das mulheres do Cassina consistiu em sobreviver, ensinar e reconfigurar os limites da cidade. “Ensinar exige a coragem de sonhar o impossível, de transformar o mundo e de refazer o corpo que o habita” (Freire, 2014, p. 88), essa coragem traduz a Amazônia não como cenário, mas como sujeito de sua própria história, onde o corpo feminino se inscreve como metáfora da floresta social.

A partir das concepções de Rolnik (2019), o Cassina é compreendido como território em disputa, lugar de fricção entre o controle e a autonomia. O poder sobre o corpo feminino expressa, em escala simbólica, o controle sobre o território amazônico. Contudo, nas margens do cabaré, emergem práticas de reexistência. O corpo, negado pela moral urbana, reconfigura-se como campo político de afirmação, “toda forma de opressão espacial começa no corpo, e toda libertação o reinscreve” (Rolnik, 2019, p. 91).

Essa reflexão é reforçada por Bosi (1994), ao afirmar que lembrar é resistir ao esquecimento imposto. A memória das mulheres do Cassina não é individual, mas coletiva, ecoando nas frestas da cidade que insiste em não as ver. As ruínas tornam-se, assim, monumentos da ausência, devolvendo à história o direito à sensibilidade. “As lembranças não envelhecem: transformam-se em morada” (Bosi, 1994, p. 73), nesse entrelaçar de ruína e lembrança, constrói-se uma poética da resistência.

No pensamento de Castells (1977), as cidades expressam as relações de poder que definem sua estrutura. O Cassina, nesse enquadramento, evidencia as tensões entre o capital e o corpo, entre o luxo e a carne. Sua permanência como ruína denuncia o fracasso da modernidade em domesticar o humano. “A forma urbana é o espelho da luta de classes” (Castells, 1977, p. 32), assim, o cabaré se torna alegoria do urbano amazônico, um espaço onde o corpo é tanto mercadoria quanto símbolo de liberdade possível.

A leitura comparativa de Pinheiro (1999) e Pesavento (2001) permite identificar o Cassina como parte do circuito de trabalho invisível que sustentou o esplendor da Belle Époque. As mulheres, privadas de cidadania, tornaram-se

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

mediadoras da vida noturna e da economia simbólica da cidade. Nesse contexto, o cabaré foi um laboratório social de afetos, negociações e silêncios. A prostituição, mais que prática marginal, foi a linguagem de uma sociedade que falava por meio das suas exclusões.

Os ecos de Bragas (1975) e Péres (2002) conferem à cidade de Manaus uma tonalidade poética que torna a ruína do Cassina um signo de permanência espiritual. “As vozes do passado dormem nas paredes, mas acordam nos sonhos de quem as escuta” (Péres, 2002, p. 59). Essa dimensão sensível recoloca o cabaré no centro de uma narrativa maior, onde a memória se entrelaça à paisagem e onde a literatura cumpre o papel de restaurar o humano que o esquecimento corroeu.

No plano teórico, Giddens (1991) destaca que a identidade moderna se constrói na tensão entre tradição e reflexividade, essa dualidade se manifesta na forma como a sociedade manauara lida com suas ruínas. O Cassina, enquanto vestígio e presença, desafia a linearidade temporal, transformando o passado em elemento ativo da identidade amazônica. O espaço, assim, não é estático, mas tecido narrativo em constante reescrita.

Como observa Augé (1994), os “não-lugares” contemporâneos revelam o colapso da memória e o triunfo da transitoriedade. O Cassina resiste a essa lógica ao permanecer como um “lugar de retorno”, onde o esquecido exige ser relembrado. Essa inversão faz da ruína um ponto de convergência entre a crítica literária e a análise histórica. “Os lugares da memória são os refúgios do tempo perdido” (Augé, 1994, p. 119), no Cassina, o tempo não passa: ele retorna como denúncia e como poesia.

Assim, a trajetória do Hotel Cassina - de palácio burguês à ruína popular - revela a Amazônia como território simbólico de fronteiras imaginadas (Silva, 2025b). A história das mulheres que ali viveram questiona as hierarquias entre o luxo e a lama, o centro e a margem. As narrativas literárias e históricas que emergem desse espaço sustentam a hipótese de que o Cassina é mais do que um vestígio: é o corpo da própria cidade. Desse modo, a pesquisa responde à questão que a motivou, demonstrando que as ruínas do Cassina e o imaginário do

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Cabaré Pé de Chinelo expressam, simultaneamente, as fronteiras e as resistências que definem a alma da Amazônia urbana.

3. Considerações Finais

A análise conduzida ao longo desta investigação revela que as ruínas do Cassina ultrapassam o domínio material, configurando-se como corpo simbólico da cidade e expressão sensível das fronteiras entre esplendor e exclusão. A hipótese inicial, de que o espaço arquitetônico e suas narrativas expressam as contradições da modernidade amazônica, confirma-se na confluência entre memória, marginalidade e identidade. O Cassina mostra-se como espelho das dinâmicas urbanas que moldaram Manaus, revelando as mulheres marginalizadas como protagonistas silenciosas de uma pedagogia social não escrita, mas vivida nas frestas do tempo.

Os resultados apontam que o Cassina não é apenas um vestígio do passado, mas uma estrutura narrativa em constante reinvenção. A cidade, ao lembrar e esquecer, reinscreve-se simbolicamente nas ruínas, que permanecem como testemunhos vivos da história que insiste em ser contada. A prostituição, nesse contexto, emerge não como desvio, mas como linguagem de resistência que questiona as fronteiras morais da sociedade. Assim, as hipóteses que orientaram a pesquisa encontram respaldo na tessitura entre o espaço urbano e as subjetividades que o habitam, confirmando a ruína como texto histórico e literário.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para repensar as noções de memória e patrimônio na Amazônia, deslocando o olhar das estruturas consagradas para os territórios simbólicos que sobrevivem à margem da narrativa oficial. A leitura do Cassina como metáfora da cidade propõe uma abordagem sensível da história urbana, em que o silêncio e o esquecimento se tornam categorias de análise. A dimensão pedagógica da experiência feminina, inscrita nas ruínas, ressignifica o próprio conceito de patrimônio, que passa a incluir o efêmero, o corpo e o afeto como expressões legítimas de cultura e memória.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

No campo prático, a pesquisa reafirma a importância de reconhecer os espaços da marginalidade como parte integrante da construção da identidade coletiva. O Cassina ensina que as ruínas não pertencem apenas ao passado, mas ao presente que as reinterpreta. A valorização desses lugares de exclusão possibilita novas políticas de memória que incluam as vozes historicamente silenciadas. O cabaré, antes visto como mancha moral, converte-se em monumento ético, desafiando a cidade a olhar para si mesma e repensar as fronteiras entre o centro e a periferia, o visível e o esquecido.

As implicações da pesquisa se estendem ao campo das artes, da literatura e da educação, abrindo caminhos para diálogos interdisciplinares sobre a construção simbólica da Amazônia. O Cassina torna-se, assim, um dispositivo de leitura da modernidade tropical, revelando as tramas entre espaço, poder e afeto. A narrativa urbana que dele emerge propõe um modo de ver o passado como força vital, capaz de orientar novas práticas culturais e acadêmicas comprometidas com a pluralidade da experiência amazônica.

Por fim, o estudo convida a novas investigações sobre os modos de resistência que persistem nas margens da história. O Cassina, ao mesmo tempo ruína e testemunho, permanece como metáfora de uma cidade que se reconstrói em suas próprias cicatrizes. As fronteiras imaginadas da Amazônia continuam a se deslocar, revelando que a memória é o terreno mais fértil da transformação. Nessa tessitura entre tempo e corpo, o passado não se encerra — ele respira, silencioso e teimoso, nas pedras e nas vozes que recusam o esquecimento.

Referências

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus praça, colégio e cinema anos 50 e 60**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2002.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BRAGAS, Genesino. **Chão e Graça de Manaus**. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

CASTELLS, Manuel. ***The Urban Question****: A Marxist Approach*. London: Edward Arnold, 1977.

CORRÊA, Luiz Miranda. **O Nascimento de uma Cidade**. (Manaus, 1890 a 1900). Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Barés, Manáos e Tarumãs. **Amazônia em cadernos**, vol. 2/3. Manaus: EDUA, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. ***Modernity and Self-Identity****: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LARGMAN, Esther. **Jovens polacas**: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MANFREDI, Sílvia. A educação popular no Brasil: uma releitura a partir de Antônio Gramsci. In: _____. **A questão política da educação popular**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

PÉRES, Jefferson. **Evocações de Manaus como eu vi ou sonhei**. Manaus: Valer, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade**: o Mundo dos Excluídos o Final do Século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros**: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925). Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

RAGO, Margaret. **Os Prazeres da Noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROLNIK, Raquel. **Territórios em Conflito**: São Paulo, Espaço, História e Política. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Do cabaré à inovação: memória, ruína e ressignificação do Hotel Cassina em Manaus. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 11, n. 9, p. 4009–4024, 2025a.

SILVA, Clodoaldo Matias da. As damas da noite e os espelhos da moral: hipocrisia e marginalidade na Manaus da Belle Époque. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 11, n. 10, p. 1672–1685, 2025b.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Veludos, ruínas e chinelos gastos: prostituição, memória e educação dos corpos na Manaus da belle époque. **Revista Ibero-**

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/12/2025 - **Accepted:** 16/12/2025
Vol: 21.04
DOI: 10.61164/zdk9pc89
Pages: 1-18

Americana de Humanidades, Ciências e Educação, *[S. l.]*, v. 11, n. 10, p. 4387–4399, 2025c.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Entre o diálogo e o conflito: os desafios de ensinar democracia em um Brasil polarizado. **Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins**, v. 10, n. 1, p. 01–17, jan./jun. 2025d.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro, RJ: J. ZAHAR, 2005.